

CARTOGRAFIA SOCIAL DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES RIBEIRINHAS/QUILOMBOLAS DA AMAZÔNIA

Social Cartography of children and teenagers riverside/maroon from Amazon

Cartografía social de los niños, niñas y adolescentes ribereños/quilombolas del Amazonas

Marcos Vinícius da Costa Lima

Mestre em Geografia

Pesquisador do Instituto Nova Cartografia Social
e-mail: mvclima@hotmail.com

Solange Maria Gayoso da Costa

Doutoranda NAEA/UFPa

Pesquisadora do Instituto Nova Cartografia Social
e-mail: gayososol@yahoo.com.br



Resumo

77

A cartografia social, como meio técnico, busca registrar relatos e as representações sócio-espaciais no processo de auto mapeamento, além de identificar situações de conflitos na forma de uso do território pelas comunidades tradicionais. A confecção de mapas situacionais com crianças e adolescentes ribeirinhas e quilombolas apresentou traços singulares entre a pluralidade identitária, tais como as formas de interação com o meio ambiente, a atividade produtiva da família e a luta por acesso a educação. Tal processo se insere numa dinâmica mais geral da vida envolta pela natureza Amazônica e das dificuldades de assegurar a reprodução social do grupo. Nesse caso, a territorialidade desses grupos, particularmente, expressa as relações socioculturais que são apontados e redesenhadas pelas próprias crianças e adolescentes nos mapas situacionais. No desenvolvimento deste artigo trataremos da representação social do território das crianças e adolescentes dos municípios paraenses de Abaetetuba, Cametá, Mocajuba, Limoeiro do Ajuru e Igarapé Mirí, todos localizados no baixo rio Tocantins, região atingida pela Barragem da Hidrelétrica de Tucuruí. Na confecção do mapa situacional, do ponto de vista técnico, quatro etapas processuais foram adotadas: produção de croquis, georeferenciamento dos elementos socioculturais, adaptação gráfica dos croquis e a confecção final do mapa. O uso da cartografia social pelos movimentos sociais tem se firmado na capacidade de instrumentalizar a contra argumentação política, principalmente, na medida em que avançam os interesses de agentes externos sobre os seus territórios de uso tradicional, além de adotar o produto da cartografia social como documento de reivindicação de políticas públicas, de planejamento e de base para a autogestão do território.

Palavras chave: Cartografia Social; Mapa Situacional; Territorialidades.



Abstract

78

The social cartography as technical means, addresses the recording of stories and spatial representations in the process of social self-mapping, and to identify conflict situations concerning the use of territory, among traditional communities. The situational map making, with riverside and maroon children, and teenagers participating, displayed distinctive features between their several identities, as ways of interaction with the environment, the smallholder farming and their struggle for schooling. The process is part of a more generic dynamics of the Amazon life, surrounded by nature and difficulties to affirm the groups' social reproduction. In this case, the territoriality of these groups expresses that the social-cultural bonds are pointed out and redesigned by children and teenagers on the situational map. In this article we develop a social representation area involving children and teenagers in the municipalities of Abaetetuba, Cametá, Mocajuba, Limoeiro do Ajuru, and Igarapé-Miri, in Pará State, all of them located in the lower Tocantins River region, affected by the dam of Tucuruí's hydroelectric plant. By designing the Situational Map, four procedural steps were followed: sketch designing, geo-referencing social-cultural elements, graphic adaptation of the sketches and shaping the final map. Using social cartography has been affirmed among the social movements, by their particular ability to perform political argument, as long as the interest of external agents is approaching into their territories of traditional use. In addition, by adopting the results of social cartography, as a document, they are ready to claim for public policies, for planning and solidly founding the territory's selfmanagement.

Keywords: Social Cartography; Situational Map; Territorialities.



Resumen

79

La cartografía social como medios técnicos, trata de registrar las historias y representaciones espaciales en el proceso de mapeo del social, e identificar las situaciones de conflicto en la forma de utilización de su territorio. La elaboración de Mapa Situacional con los niños, niñas y adolescentes y los cimarrones fluviales mostró rasgos distintivos entre la pluralidad de la identidad, como las formas de interacción con el medio ambiente, la actividad productiva de la familia y su lucha por el acceso a la educación. Este proceso es parte de una dinámica más general de la vida amazónica, rodeados de naturaleza y de las dificultades para asegurar la reproducción social del grupo. En este caso, la territorialidad de estos grupos, en particular, expresa las relaciones socio-culturales se señalan y rediseñado por los niños, niñas y adolescentes en los Mapa Situacional. En este artículo desarrollamos la representación social de la zona de los niños, niñas y adolescentes en los municipios de Pará: Abaetetuba, Cametá, Mocajuba, Limoeiro do Ajuru e Igarapé Miri, todas ellas situadas en la región baja del río Tocantins afectados por la Represa Hidroeléctrica de Tucuruí. del punto de vista técnico, lo mapa situacional al hacer cuatro pasos del procedimiento se tomaron: producción de sus dibujos, georeferenciación de los elementos de sociocultural, adaptación de los dibujos para gráficos y hacer el mapa final. El uso de la cartografía social pelos movimientos sociales han echado raíces en la capacidad de instrumento contra un argumento político, especialmente a la medida que avanzan los intereses de los agentes externos en sus territorios de uso tradicional y adoptan el producto de la cartografía social como documento de solicitud de políticas públicas, de planificación y de base para la autogestión del território.

Palabras clave: Cartografía Social - Mapa Situacional - Territorialidades



Introdução

Na Amazônia convivem diferentes grupos sociais que constroem relações sociais específicas no território e tais relações definem coletivamente a forma de apropriação dos espaços sociais por esses grupos. Diante disso é impossível falar de uma cartografia, de uma única forma de ver e viver o território. A maneira dos grupos sociais se relacionarem com o território implica a afirmação de uma identidade específica. Nesse sentido, conhecer o território através da representação que cada grupo constrói sobre ele é identificar também as diversas identidades e conformações desse território.

A cartografia social, como meio técnico, busca registrar relatos e as representações no processo de automapeamento, além de identificar situações de conflitos na forma de uso do território em questão. Os "mapas situacionais" (Almeida, 2005) constituem um recurso de

método para registro da diversidade das situações sociais, mostram situações contingentes, concretas e reveladoras de um determinado momento, passível de alteração, contudo, plenamente possíveis de espacialização, e chamam atenção para um processo de afirmação étnica e identitária, a partir de "realidades localizadas e processos sociais" (Almeida, 2005, p.101).

A confecção de mapas situacionais com crianças e adolescentes ribeirinhas e quilombolas apresentou traços singulares entre a pluralidade identitária, como as formas de interação com o meio ambiente, a atividade produtiva da família e sua luta por acesso a educação. Tal processo se insere numa dinâmica mais geral da vida envolta pela natureza Amazônica e das dificuldades de assegurar a reprodução social do grupo.

Nesse artigo trataremos da representação social do território dado por crianças e adolescentes dos municípios de Abaetetuba, Cametá,



Mocajuba, Limoeiro do Ajuru e Igarapé Mirí, todos localizados no baixo rio Tocantins, região atingida pela Barragem da Hidrelétrica de Tucuruí. A territorialidade desses grupos, particularmente, expressa as relações socioculturais que são apontadas e redesenhadas pelas crianças e adolescentes nos mapas situacionais¹.

O saber e fazer no mapeamento social

O produto da cartografia social são fascículos, material que agrega o conteúdo escrito e ilustrativo dos protagonistas da cartografia social.

As informações são geradas em reuniões orga-

¹ O trabalho de produção da cartografia social aqui relatado foi desenvolvido no âmbito do Convênio firmado entre a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e o PNCSA (Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia) através do IAGUA (Instituto Amazônia de Gestão Urbana e Ambiental), em setembro de 2007, objetivando identificar a situação social das crianças e adolescentes residentes em assentamentos agroextrativistas e comunidades quilombolas da Amazônia. A partir deste convênio foram iniciadas as atividades de oficinas e confecções de mapas situacionais. O resultado do trabalho foi publicado em formato de fascículos da coleção intitulada "Crianças e Adolescentes em Comunidades Tradicionais da Amazônia", focalizando nos dois primeiros fascículos a situação social das crianças e adolescentes no estado do Pará. A equipe de pesquisa foi formada por Lilian Carolina de Araújo Santana (Assistente Social), Marcos Vinicius Costa Lima (Geógrafo), Maria de Jesus Tolosa Galvão (Assistente Social), Rodrigo Macedo Lopes (Arquiteto) e Solange Maria Gayoso da Costa (Assistente Social/Professora da UFPA).

nizadas coletivamente e, por meio de recursos de comunicação audiovisual, os registros dos relatos das vivências cotidianas dos sujeitos são repassados para o meio impresso através da transcrição, que é revisada pelos próprios participantes do mapeamento social, que autorizam o uso do texto, das imagens e de seus dados pessoais. Em seguida a coletividade em questão decide pela melhor formatação textual e pela adequada composição de cor e forma das suas imagens. Cada fascículo é composto de textos, imagens e do mapa situacional.

Quanto aos grupos sociais, eles se organizam por autodefinição que pode seguir critérios específicos ou por composição de mais de uma especificidade. De acordo com Almeida (2006) *os critérios podem variar entre características étnicas* (organizado por fatores políticos e modos comuns de existir e saber tradicional); *atividades econômicas específicas* (podendo estar atreladas a questão de gênero); *práticas de mobilização política e reivindi-*



catória; fatores de afetação física ou política, gerados por grandes projetos econômicos ou governamentais; fatores geográficos (definidos pela condição de morarem em pontos estratégicos de sobrevivência, como os ribeirinhos às margens dos rios).

As crianças e adolescentes do baixo Tocantins que participaram da cartografia social foram organizados por representações identitárias que, através da autoafirmação, definiram-se pelas características étnicas, representadas pelos quilombolas, e por fatores de localização geográfica, como as dos ribeirinhos. No entanto, as assertivas de Stuart Hall (2006), nos levam a perceber que os critérios de composição identitária dos jovens ribeirinhos e quilombolas são, preponderantemente, marcados pelo hibridismo de práticas sociais que se unificam, constituindo uma identidade cultural de ribeirinho/quilombola.

Ainda no processo de autoafirmação identitária das crianças e adolescentes ribei-

rinhas/quilombolas, foi acrescentado a esses dois grupos sociais o componente etário, para facilitar as estratégias de comunicação e atuação junto às duas faixas etárias (crianças e adolescentes). Didaticamente, essa separação momentânea contribuiu para que a condução dos trabalhos fluísse em favor do processo de automapeamento, permitindo, assim, que as crianças e adolescentes, de acordo com as suas especificidades e interesses, produzissem os seus próprios mapas situacionais, respeitando as habilidades individuais e o domínio dos conhecimentos sobre a alfabetização cartográfica.

Territorialidades específicas enquanto conteúdos da Cartografia social das crianças e adolescentes

A cartografia social busca, relativamente, trabalhar o conteúdo político e de reprodução social expressos nos objetos representados nos mapas situacionais. Considera-se que o nível



de compreensão da espacialidade dos objetos representado pelas crianças e adolescentes varia conforme o nível de complexidade do uso dos elementos socioculturais existentes em seus espaços de vivência.

Os elementos “cartografados” nos mapas situacionais representam o produto das relações sociais que se manifestam no cotidiano das crianças e adolescentes, configurando a importância dos objetos para esses jovens como um elo de interação na sua reprodução sociocultural, onde estão incorporadas, historicamente, as normas de uso, podendo ser fruto tanto da tradição local quanto das políticas governamentais. Esse conjunto de regras e normas configura, também, o modo como as crianças e adolescentes estabelecem a sua vivência e usam o território. As relações sociais estabelecidas historicamente nesses espaços foram observadas a partir dos desenhos e da oralidade tanto individual quanto coletivamente, o que resultou no mapa da territorialidade

destas comunidades tradicionais.

A territorialidade das crianças e adolescente não possui uma delimitação fixa ou física, pois as restrições no deslocamento desses jovens pelo território variam conforme os sistemas de relações sociais existente entre o indivíduo e a comunidade, que pode, didaticamente, ser explicada pelas concessões negociadas ou impostas pelas diferentes esferas de domínio familiar, religioso, associativo e comunitário. A condição etária é um elemento que aparece como uma forma de limitar a emancipação dos jovens ou de garantir uma liberdade vigiada, o que pode lhes permitir ter maior ou menor mobilidade entre os diferentes espaços de vivência. Isto implica na diferença das produções em razão das experiências sociais das faixas etárias: as crianças com menos experiências socioespaciais (mobilidade restrita) limitam-se em representar, pontualmente, o espaço da escola, da igreja ou da sua residência, enquanto que os adolescentes represen-



tam a sua territorialidade numa espacialidade mais ampliada, resultante de suas interações com os diversos elementos remotos do espaço geográfico.

Após serem feitas as considerações sobre as especificidades entre os jovens, metodologicamente optou-se por agrupar crianças e adolescentes, preferencialmente por faixa etária equivalente aos ciclos educacionais atuais no País, a saber: de 6 a 10 anos (ensino fundamental menor, com a incorporação eventual de crianças com menos de 6 anos, por estarem presentes nas oficinas de cartografia); de 11 a 17 anos (ensino fundamental maior e ensino médio, com a incorporação de jovens acima de 17 anos que se interessaram em mapear as questões territoriais de sua comunidade).

A cartografia social difere da forma convencional de como é trabalhada a cartografia em determinadas escolas conteudistas, que leva os estudantes a identificarem no mapa elementos da paisagem apenas com o intuito

de localizar pontos e debater exclusivamente os conceitos dos elementos cartográficos. Essa prática torna o mapa estéril, distanciado do cotidiano dos jovens. A proposta da cartografia social não é fazer um estudo do meio ambiente dos jovens, perspectiva que trabalha muito mais a forma (relações projetivas e euclidianas), negligenciando ou deixando para segundo plano o trabalho com o conteúdo significativo dos símbolos. Nas oficinas de cartografia social a ênfase é dada aos símbolos produzidos para a legenda do mapa, que carregam consigo um conjunto de significados construídos pela peculiaridade individual e pela própria subjetividade coletiva.

Trabalhar com as abstrações das crianças é um desafio no processo de interpretação das suas representações. Contudo, do ponto de vista do conteúdo significativo do desenho "abstrato" percebe-se que tanto a criança quanto o adolescente apresentam detalhes que mais aparecem no plano da oralidade do



que no plano do desenho, pois abarcam um contexto social que envolve as suas relações com os pontos geográficos representados. Nas oficinas, o recurso da oralidade, registrado paralelamente à apresentação do mapa situacional, permite aos jovens expressarem os seus desejos, as emoções pelas atividades lúdicas, assim como as suas angústias ou medos (topofobia) no uso dos elementos socioculturais existentes no espaço de vivência. Essas informações vêm à tona com as intervenções do pesquisador que instiga os jovens sobre a importância dos símbolos no contexto da comunidade.

Para a cartografia social, a importância do mapeamento não está no desenho em si (formato), mas no significado (na subjetividade) do objeto representado, pois a sua representação é pautada num contexto relacional, ou seja, faz parte de um cotidiano interativo do sujeito que mapeia o seu próprio espaço vivido. Com o resultado dessa interação é possí-

vel mapear conceitos sociais como: problemas ambientais, situação de conflitos, transporte escolar, trabalho, lazer, histórias de vida e entre outros.

A técnica do desenhar ou representar aspectos socioculturais é tão valorizada quanto a confecção final do mapa situacional, pois dependendo da faixa etária o desenho apresenta formas (traços, cores, perspectivas e simbologias) distintas. Apesar do ato de desenhar, inicialmente, ter um conteúdo individualizado, o desenho também possui, na sua essência, reflexos da sua interação social, que resulta na sua percepção sobre o cotidiano do lugar, pois é a partir dessas experiências, historicamente concebidas no seio da coletividade e, simultaneamente, atreladas ao território, que se materializa o mapa situacional.

As relações históricas com o território permitem ao sujeito delimitar a sua territorialidade, sendo este criança ou adolescente. No entanto, dependendo da faixa etária, o mapa



situacional pode conter perspectivas singulares ao representar os elementos que compõem o território. Por exemplo, as crianças de 6 a 10 anos focalizavam elementos específicos do espaço como o da residência, da família, o espaço de lazer, da igreja, enquanto que as de 11 a 16 anos se detiveram ao espaço da comunidade e os de 14 a 17 anos em diante apresentaram uma territorialidade que transcendia os limites da sua comunidade, pois estes se deslocam pelo espaço para realizarem atividades esportivas, religiosas, artísticas, educativas entre as demais comunidades.

A identidade cultural das crianças e adolescentes pode ser notada no mapeamento situacional, onde as representações da territorialidade produzidas pelos jovens materializa o espaço da produção e reprodução social, que se sobrepõem *fazendo das unidades residenciais o lócus da sua etnicidade* (Almeida, 2008, p.29).

É importante ressaltar que a separação

física por faixa etária não compromete a representação simbólica da unicidade ribeirinho/quilombola, pois o processo metodológico do mapeamento social respeita a individualidade dos grupos e as suas respectivas visões de mundo. A concepção das questões sociais e políticas no cotidiano das comunidades também pode ser divergente entre os indivíduos na mesma ou em distinta faixa etária. A oscilação de opiniões entre as faixas etárias pode ser explicada pelas diferentes experiências de vida, pois algumas crianças, através da interação com os jovens, têm a percepção de sua territorialidade ampliada como a dos jovens, e estas crianças demonstraram, por sua vez, *estarem habituadas a tais (inter)ações do seu cotidiano* (Acevedo & Almeida, 2006, p. 67).



O mapa e o fascículo como produtos da Cartografia Social

87

O processo de mapeamento na cartografia social das crianças e adolescentes foi constituído por um conjunto de procedimentos metodológicos para se obter dois produtos: o mapa situacional e o fascículo. Na construção do fascículo foram utilizadas as transcrições dos relatos registrados em campo, as fotografias das atividades do cotidiano correlato aos lugares de vivência que reforçam as identidades específicas e o processo de territorialização. No fascículo foi anexado o mapa situacional, como produto de referência às informações registradas pelos próprios moradores das comunidades. Na confecção do mapa situacional, do ponto de vista técnico, quatro etapas processuais foram adotadas: produção de croquis, georeferenciamento dos elementos socioculturais, adaptação gráfica dos croquis e confecção final do mapa.

A produção de croquis se configura na etapa fundamental do processo de mapeamento, pois além de ser o momento de esclarecer a metodologia e produzir o mapa preliminar, é também do estabelecimento do *rapport*, que envolve três estágios correlatos para se chegar ao croqui da territorialidade dos grupos sociais, tais como: receptividade, empatia e segurança mútua. A receptividade se constitui no primeiro contato entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. O pesquisador é levado pela comunidade a construir uma cartografia social como instrumento de representação social para fortalecer politicamente e projetar as reivindicações sociais e territoriais da identidade coletiva em questão. A empatia é a relação estabelecida no diálogo ocorrido na receptividade, onde o pesquisador e o sujeito da pesquisa convergem para os objetivos da comunidade, garantindo a autonomia da coletividade identitária na decisão e construção do mapa situacional. Já o sentimento de seguran-



ça ou de confiança mútua resulta da vontade de ambos iniciarem o mapeamento situacional da comunidade.

O processo de mapeamento social se dá com a produção dos croquis dos jovens, que é precedido de uma oficina de cartografia social, ministrada a partir de explanações teóricas e práticas associadas ao uso de materiais produzidos pelo PNCSA. Nessa iniciativa, os participantes conhecem experiências de outros grupos sociais através de mapas situacionais, de fascículos, de vídeos e de diálogos com pessoas que já produziram cartografia social. Nesse ínterim, os conceitos de territorialidade e lugar vão sendo introduzidos como o espaço de vivências, onde as experiências de vida ocorrem nas relações cotidianas de lazer, trabalho e conflitos sociais. Os materiais produzidos pelo PNCSA, além de serem utilizados como recursos didáticos nas oficinas, também, contribuem para os jovens compreenderem as noções básicas sobre os elementos conceituais

da cartografia escolar. Outros materiais como os mapas oficiais do município em que eles vivem são fundamentais para eles tentarem se reconhecer no território e analisar a formatação do mapa como um material passivo de ser reconstruído pela ótica da comunidade.

O conhecimento básico de cartografia escolar, como a noção de direção, escala (proporção), convenções cartográficas e coordenadas geográficas, serviu para os jovens realizarem a leitura prévia dos mapas, entender a função dos elementos constituintes dos mapas oficiais e do PNCSA. Identificar a origem das informações e o período da confecção do mapa também foi relevante para fazer a análise crítica sobre a importância dos elementos representados nos mapas para compreender a própria organização espacial representada pelas instituições oficiais da esfera pública.

A partir das oficinas de preparação as crianças e os adolescentes receberam materiais (papel cartolina, A4 e 40kg, lápis de cor,



lápiz preto, borracha e apontador) para reproduzirem pictoricamente o lugar em que vivem, destacando os pontos de referência no cotidiano de lazer, trabalho e de relações culturais (em família, das igrejas e da comunidade), assim como os pontos mais e menos frequentados. Em seguida, os jovens explicaram os motivos que os levaram a escolher aqueles pontos como referência e a desenhá-los no croqui. Os desenhos apresentaram formatos, direções e cores específicas, que possuem significados importantes para os jovens. Os relatos sobre a simbologia dos desenhos foram intensamente explorados pelos pesquisadores, objetivando a ampliação do campo relacional entre o jovem e o seu desenho. O resultado desta dinâmica foi devidamente registrado em imagens e áudio para compor o conteúdo do mapa situacional e do fascículo.

A etapa seguinte consistiu em realizar o georeferenciamento em campo dos elementos socioculturais representados pelos pon-

tos (desenhos de referência) que apareciam com maior frequência nos croquis produzidos pelas crianças e adolescentes. Com um GPS Garmin etrex/Legend CX em mãos, os jovens eram auxiliados pelos pesquisadores no processo de marcação dos pontos (coordenadas geográficas), nos quais, durante a seleção de cada ponto, os jovens eram orientados sobre a forma correta de usar o GPS, além de lhes aperfeiçoar a leitura cartográfica. Nesse caso, o entendimento sobre o sistema de coordenadas foi facilitado pelo conhecimento prévio de cartografia escolar, que foi trabalhado pela primeira vez, em particular, com alguns jovens na oficina de cartografia social.

De posse das coordenadas, foi feita a inserção desses dados no programa Trackmaker, para identificar e renomear a localização dos pontos, assim como digitalizar as trilhas percorridas sobre a base cartográfica do município de Abaetetuba. A base digital do município, contendo *shapfile* da hidrografia, localida-



des, sede da cidade, rodovias, limites políticos dos municípios, foi adquirida no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e no Sistema de Proteção da Amazônia (SIPAM). As duas bases digitais foram trabalhadas no programa ArcGis 9.2 para corrigir e atualizar as informações das comunidades, de acordo com as orientações das crianças e adolescentes.

Após a formatação da base cartográfica, iniciou-se a etapa de adaptação gráfica dos croquis, ou seja, os desenhos foram digitalizados e vetorizados, a partir do programa Corel-Draw 5X, com o objetivo de realçar os traços e as cores, garantindo o formato original dos desenhos, além de melhorar a resolução da imagem no mapa digital e na impressão gráfica, que exige, para tanto, uma resolução de no mínimo de 300dpi (*Dots Per Inch*, relativo aos pixels da imagem, em português, *pontos por polegada*). Estes procedimentos possibilitaram manipular a imagem do desenho no formato *joint photographic experts group* (*.jpg,

extensão relativa a compressão da imagem), principalmente, no processo de inserção das mesmas no mapa final.

A última etapa consistiu na fase de confecção final do mapa. Esta fase é caracterizada pelo ato de cotejar as informações trabalhadas nos croquis com a prova do mapa situacional. Neste momento, são feitas as correções textuais (conteúdo), na estética, podendo excluir, ou mesmo, incluir dados lembrados posteriormente pelos jovens, visto que há uma grande diversidade de informações, e para tanto, há uma tentativa de contemplar no mapa situacional os anseios e os objetivos expressos pelas crianças e adolescentes.

O fascículo é, finalmente, concluído quando se contempla, no mapa situacional, os temas político-sócio-culturais construídos pelas crianças e adolescentes, assim como o direito de uso de imagem previamente acordada com a autorização dos pais, resguardando lhes, também, o direito de escolherem a forma



como o conteúdo textual e as imagens devem apresentá-los no fascículo.

Mapeamento Social das crianças e adolescentes ribeirinhas/quilombolas do baixo Tocantins: Abaeteuba/PA

No processo de mapeamento realizado pelas crianças e adolescente atentou para os aspectos cognitivos ligados à percepção e à apreensão do espaço de vivência, onde as experiências vivenciadas eram os itens mais importantes no processo de representação, pois um desenho que cada jovem produzia era, na sua essência, enriquecido de informações resultantes das suas relações sociais com o seu território. O conteúdo da representação da territorialidade desses jovens teve, no entanto, uma contextualização histórica e cultural que se entrelaçam em vários temas do cotidiano ribeirinho/quilombola.

O conhecimento básico de cartografia, não se caracterizou como um empecilho para

o desenvolvimento das oficinas de mapeamento. Entretanto, alguns conceitos básicos da cartografia foram apresentados por meio de mapas oficiais (produzidos por órgãos públicos) e exemplares do PNCSA como forma de introduzir e fazer com que os adolescentes mais avançados na escolaridade pudessem entender a dinâmica e a importância de mapear o território. As estratégias utilizadas para esse feito foi identificar os elementos constituintes na leitura de um mapa seguido do reconhecimento e da localização das suas residências através das ilhas e dos pontos que fazem referência às suas comunidades.

No mapa do município na escala de 1:100.000, mesmo sendo uma escala que dificulta visualizar os detalhes dos elementos físicos do território, as crianças e adolescentes reconheceram os limites territoriais do município e os pontos de referência descritos na legenda do mapa. Algumas crianças questionaram a direção da sua comunidade em relação



à sede da cidade, causando uma mudança na sua leitura local pela cartográfica (norte, sul, leste oeste), pois o senso de direção dos jovens variava de acordo com o seu ponto de referência, pois as direções de determinado ponto se davam subindo ou descendo os rios ou igarapés, atrás ou na frente das ilhas.

O estranhamento observado nos jovens ao analisar a representação de suas comunidades nos mapas dos órgãos públicos era explicado pelo mapa ter sido produzido por quem pouco conhece o território em questão. Tal fato, a exemplo da trajetória (percurso) entre a comunidade e a sede do município se ratifica pela ausência de toponímias importantes para as referências político-sócio-culturais que dificultou o reconhecimento do próprio território ribeirinho/quilombola. As entrelaçadas linhas azuis do mapa oficial também só passaram a ter significados depois de um longo exercício de reconhecimento dos igarapés e rios que eles deduziam ser as que utilizavam no seu

dia a dia.

No processo de mapeamento, os jovens perceberam que para se reconhecerem no mapa, era preciso renomear e redesenhar novas linhas na região, fazendo existir rios, igarapés e ilhas que o mapa oficial não identificava até então. As linhas eram resignificadas à medida que os igarapés e rios eram nomeados. Nesse sentido os jovens se apropriaram do mapa, legitimando a representação da própria territorialidade. Quanto às convenções cartográficas, não se impôs as regras da cartografia oficial, deixando os jovens à vontade para representar numa folha de cartolina branca o mapa da sua territorialidade. As crianças e alguns adolescentes que não tiveram uma orientação de cartografia escolar sobre o significado convencional das cores das linhas sugeriam que os corpos hídricos deveriam ser pintados com a cor "natural" dos seus rios, ou seja, com a cor amarela, que é justificada pelos sedimentos argilosos em suspensão que deixa a



cor dos rios e igarapés da região amarelada.

Na confecção do mapa situacional das crianças e adolescentes ribeirinhos/quilombolas do município de Abaetetuba foram destacados os principais pontos de referência político-sócio-culturais (Figura 01), concebidos pela sua importância situacional, que foi composta por sete temas: 1) problemas ambientais, 2) locais de referência, 3) lugares de lazer, 4) estórias do lugar, 5) situação de conflito, 6) meio de transporte escolar e 7) atividade de trabalho. Os temas, aqui enumerados, foram estabelecidos em função da diversidade de informações que cada grupo de jovens apresentou em suas territorialidades, conjugando-os, simultaneamente, na perspectiva de produzir uma cartografia social de uma coletividade jovem que tem uma representação sociocultural no território.

As crianças e os adolescentes ao utilizarem a cartografia social para representar, através do mapa situacional, as suas territo-

rialidades e as suas identidades específicas, entenderam que somente a linguagem gráfica dos desenhos não daria conta da dimensão dos seus afazeres do dia-a-dia. Para tanto, esses jovens relataram, oralmente, como complemento ao significado, as relações que os símbolos representam na dinâmica sociocultural de suas vidas.

Cada tema apresentado no mapa situacional das crianças e adolescentes ribeirinho e quilombolas de Abaetetuba/PA foi proposta a partir de um conjunto de pontos de referência socioculturais, sendo que cada ponto representa uma construção histórica e cultural na vida das crianças e adolescentes participantes das oficinas. Tais referências também evocam medos, preocupações, desejos, sonhos, sentimentos que avaliam, direta e indiretamente, as condições de vida em que os jovens ribeirinhos/quilombolas estão submetidos no seu dia-a-dia. Os pontos de referência representam uma simbologia e para melhor compreen-



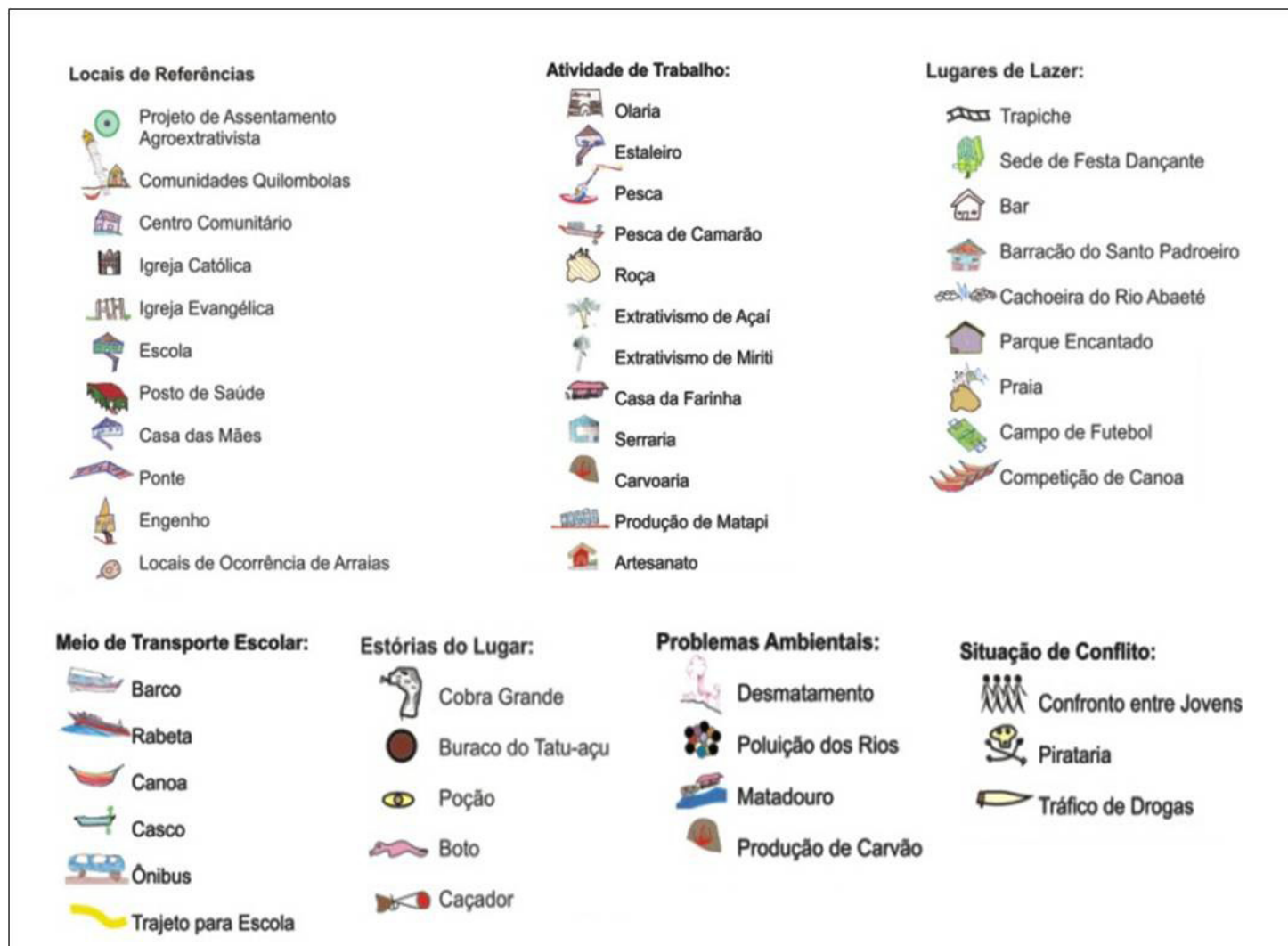


Figura 01:
Legenda do Mapa das crianças e adolescentes com os temas e seus respectivos pontos de referência político-sócio-culturais.
Fonte: Mapa situacional das Crianças e Adolescentes Ribeirinhos e Quilombolas de Abaetetuba/PA. Fascículo 1, 2008



dê-los elencamos, de forma sintética, os temas e os pontos de referência em sete quadros.

O primeiro (Quadro 1) ressalta o tema dos *Locais de Referências* que representam lugares da (re)construção dos aspectos delineadores da identidade cultural das comunidades ribeirinhas/quilombolas proporcionadas pelas reuniões, fortalecendo, assim a identidade cultural desses jovens. São nesses locais que as crianças e adolescentes acompanham os adultos, contribuindo tanto para os jovens se afirmarem na coletividade através das práticas tradicionais, quanto para formatarem as suas reivindicações por políticas públicas. Os serviços públicos como saúde, educação, transporte e geração de renda pautam os debates das reuniões nesses locais de referências, a exemplo das condições sociais que se dispõem para o desenvolvimento do trabalho com segurança, tanto para os pais quanto para os jovens que são avaliados com o intuito de exigir maior atenção do poder público. Tal fato

mobiliza, também, os adolescentes e os adultos a reivindicarem melhores oportunidades educacionais para se profissionalizarem e garantirem a empregabilidade. Outro elemento importante dessas relações sociais é a formação religiosa e política dos jovens, que é construída tanto nas reuniões dos adultos quanto nas dos próprios jovens, que podem ocorrer nos centros comunitários, nas igrejas, nas escolas ou em pontos pré-definidos no território das comunidades.



Quadro 1

TEMAS/PONTOS DE REFERÊNCIA	SIMBOLOGIA
1) Locais de Referências	Locais que permitem o encontro de pessoas jovens e adultas para manifestar suas vontades e decisões.
Projeto de assentamento agroextrativista	Simboliza uma conquista das famílias ribeirinhas/quilombolas pelo direito a terra.
Comunidade quilombola	Simboliza a resistência da coletividade quilombola
Centro comunitário	Simboliza a organização política e jurídica das comunidades
Igreja católica	Simboliza o espaço das manifestações religiosas e que influencia no comportamento dos jovens.
Igreja evangélica	Simboliza o espaço das manifestações religiosas e que influencia no comportamento dos jovens.
Escola	Simboliza o espaço dos sonhos e de socialização entre os jovens.
Posto de saúde	Simboliza o espaço dos primeiros socorros.
Casa das mães	Simboliza o espaço para os bebês dormirem e serem alimentados pelas mães.
Ponte	Simboliza o espaço da circulação de mercadorias e de pessoas que chegam ou partem.
Engenho	Simboliza a história do lugar (ocupação e memória)
Locais de ocorrências de arraias	Simboliza as áreas de atenção dos moradores.



O segundo tema é voltado aos Lugares de Lazer que representam os locais para se desenvolver diversas formas de brincadeiras e jogos lúdicos, onde as crianças e adolescentes se identificam por faixa etária e/ou por gênero que se organizam em grupos para representar ações dos adultos ou competir entre si, seja

para mostrar as suas habilidades individuais ou em equipe. As atividades lúdicas das crianças e dos adolescentes envolvem tanto os jogos esportivos quanto um leque de brincadeiras criativas que são desenvolvidas, principalmente, nas águas dos rios e igarapés, conforme o quadro 2.

Quadro 2: principais brincadeiras praticadas pelas crianças e adolescentes de Abaetetuba.

MARÉ BAIXA	MARÉ ALTA	MARÉ BAIXA E ALTA
Guerra de barro; Bola na praia; Queimada; Amarelinha; Bandeirinha; Pula corda;	Balanço com corda, Corrida de casco; Corrida de rabetá; Gol n'água; Natação; Pira mãe; Pira pega; Pula mais longe; quem demora mais no fundo; quem vai mais longe; tira pofia n'água.	Cinco pedras; Baladeira; Balanço; Carro; Dentro fora; Futebol; Guerra do açai; Mata no meio; Pega lama no fundo; Pira esconde; Pira garrafa; Quebra cabeça; Subir em árvore; Tatu fora da toca.

Fonte: Mapa situacional das Crianças e Adolescentes Ribeirinhos e Quilombolas de Abaetetuba/PA. Fascículo 1, 2008



Os *Lugares de Lazer* especificamente dos adolescentes contribui tanto para a socialização dos mesmos quanto para promoverem eventos esportivos, dançantes ou religiosos, sendo organizadas tanto pelos jovens quanto pelas escolas, igrejas ou pelas próprias associações comunitárias, podendo atender tanto aos interesses econômicos das associações quanto dos próprios jovens. É onde eles ampliam as suas redes de relações sociais. No que tange a religião, os jovens, em determinadas comunidades, desempenham papéis fundamentais no processo de evangelização das crianças. Outros jovens fazem das festas dançantes, em vários pontos dos rios, um ambiente propício tanto para a diversão quanto para selarem um relacionamento de namoro efêmero ou mais duradouro (Quadro 3).

O terceiro tema (Quadro 4) se refere às *Estórias do Lugar* que representa os locais das experiências “reais” das crianças e adolescentes que abordam situações vividas na presen-

ça da cobra grande, do boto ou do caçador. As estórias evocam o cuidado que se deve ter ao percorrer determinados pontos dos rios e igarapés. Os que se arriscam a se aventurar nesses locais, são acometidos por acidentes ou por situações de aflição. As estórias vivenciadas são repassadas na comunidade de geração para geração, como um aviso de alerta para os que trafegam pela região de canoa, casco ou mesmo de barcos. Os cuidados depreendidos pelos mais experientes fazem com que as crianças e adolescentes adotem comportamentos de precaução ao passarem por esses locais.



Quadro 3

TEMAS/PONTOS DE REFERÊNCIA	SIMBOLOGIA
2) Lugares de lazer	Locais que permitem o encontro de crianças e/ou adolescentes para a diversão e trocar idéias, reconstruindo, na imitação do fazer adulto, a identidade cultural local.
Trapiche	Simboliza o local de encontro do cotidiano, principalmente, para as crianças realizarem várias brincadeiras.
Praia	Simboliza o local de encontro (de final de semana) das crianças e adolescentes.
Cachoeira do rio Abaeté	Simboliza o local de encontro (de final de semana) das crianças e adolescentes.
Competição de canoa	Simboliza o local de encontro das crianças e adolescentes com as de outras comunidades.
Parque encantado	Simboliza o local de encontro (de final de semana) das crianças e adolescentes com as de outras comunidades.
Campo de futebol	Simboliza o local de encontro no cotidiano das crianças e adolescentes e, durante as competições, com as de outras comunidades.
Barracão do santo padroeiro	Simboliza o local de encontro no cotidiano das crianças e adolescentes e, durante as festividades, com as de outras comunidades.
Sede de festa dançante	Simboliza o local de encontro, principalmente, dos adolescentes com os de outras comunidades.
Bar	Simboliza o local de encontro (de final de semana) dos adolescentes para jogar bilhar e trocar ideias.



Quadro 4

TEMAS/PONTOS DE REFERÊNCIA	SIMBOLOGIA
3) Estórias do Lugar	Locais onde opera tradicionalmente a crença das crianças e adolescentes, sendo um elemento explicativo para as ocorrências de fenômenos naturais e sociais, regulando o comportamento dos jovens nas comunidades
Cobra Grande	Simboliza maior atenção em locais perigosos ao longo dos rios e igarapés
Buraco do Tatu-açú	Simboliza maior atenção em locais perigosos ao longo dos rios e igarapés
Poço	Simboliza maior atenção em locais perigosos ao longo dos rios e igarapés
Boto	Simboliza maior atenção em locais perigosos ao longo dos rios e igarapés
Caçador	Simboliza maior atenção em locais perigosos ao longo dos rios e igarapés

O quarto tema (Quadro 5) destaca os *Problemas ambientais* que ocorrem nos pontos estratégicos de uso tradicional e de sobrevivência das comunidades. Tais problemas têm impedido de desenvolver as atividades sociais dos jovens na comunidade. Ao mesmo tempo, os pontos de referência representam a preocupação das crianças e dos adolescentes com a preservação dos recursos naturais e com a qualidade do próprio meio ambiente,

pois as diferentes formas de contaminação das águas têm gerado vários problemas de saúde das pessoas, principalmente para as que vivem nas margens dos rios e na várzea, tais situações ao serem representadas por eles no mapa, chamam atenção para a necessidade de se criar medidas punitivas e protecionistas para resguardar e valorizar os elementos naturais da região como base necessária para a manutenção das gerações presentes e futuras.



Quadro 5

TEMAS/PONTOS DE REFERÊNCIA	SIMBOLOGIA
4) Problemas Ambientais	Locais que vem sofrendo alterações ambientais e que têm afetado o cotidiano das crianças e adolescentes
Desmatamento	Simboliza a preocupação com a perda de espécies da fauna e da flora, influenciando na cultura dos jovens (não há mais o que caçar, coletar...)
Poluição dos Rios	Simboliza a preocupação com a perda de espaços de lazer e de água potável, influenciando a dinâmica cultural dos jovens (banho e brincadeiras na água dos rios e igarapés).
Matadouro	Simboliza a preocupação com a poluição em determinados locais de rios e igarapés, influenciando a dinâmica cultural dos jovens.
Produção de Carvão	Simboliza a preocupação, principalmente com a poluição do ar e com as perdas de espécies da flora e fauna.

O quinto tema (Quadro 6) relata as questões de *Situação de Conflitos*, pois para as crianças e adolescentes o sentimento de medo à violência é instalado na região devido a falta de segurança policial, como a ausência dos efetivos de diligências e postos de fiscalização ao longo dos rios (as denúncias ou a realização de boletins de ocorrências são feitas somente na sede da cidade e nesse caso a distância é um empecilho à solução des-

ses problemas, principalmente em situação de emergência). Representar esses locais no mapa significa exigir maior atenção por parte do poder público, além de colocar em alerta as comunidades, que tem motivado, também, a elaboração de programas educativos, tanto por parte das igrejas quanto das escolas e das associações para inferir alternativas que possam evitar a ação do tráfico de drogas e da pirataria na região.



Quadro 6

TEMAS/PONTOS DE REFERÊNCIA	SIMBOLOGIA
5) Situação de Conflitos	Locais onde a violência se instala gerando medo nas comunidades
Confronto entre jovens	Simboliza o ponto, onde grupos de jovens tentam estabelecer o seu poder representativo sobre o território.
Pirataria	Simboliza os locais perigosos onde ocorrem os ataques dos piratas
Tráfico de drogas	Simboliza os locais onde vem ocorrendo práticas ilícitas.

O sexto tema (Quadro 7) discorre sobre os *Meios de transporte escolar*, mostrando que a variedade de transportes simboliza que o deslocamento não se limita a uma única forma, mas, principalmente, por meios intermodais, que permite se chegar às escolas e às demais comunidades ribeirinhas. A predominância do transporte hidroviário é, por sua vez, uma dificuldade que soma as questões estruturais das escolas. O deslocamento de jovens para longas distâncias pelos rios e igarapés é limitado pela oscilação das marés alta e baixa, pois durante a maré baixa, os jovens ficam impossibilitados de sair de casa pelos rios

e igarapés, restando à alternativa de se aventurar pela várzea para se chegar até um ramal em terra firme, no entanto torna-se mais difícil quando a maré baixa ocorre logo pela manhã, obrigando os jovens, que estudam no horário da manhã, a saírem de casa de madrugada pela mata densa e soturna, ficando a mercê dos riscos de encontrar animais peçonhentos no caminho.

Em função dessa peculiaridade ribeirinha, os jovens reivindicam através dos desenhos no mapa, que cada comunidade tenha a sua própria escola de ensino fundamental maior e médio, já que estas se encontram



em comunidades pólos distantes ou na sede do município. A representação dos meios de transportes ao longo dos rios e igarapés proporciona aos jovens a possibilidade de realizar

um planejamento, indicando onde seria importante construir escolas ou pontes de estivas para se chegar com segurança às suas escolas.

Quadro 7

TEMAS/PONTOS DE REFERÊNCIA	SIMBOLOGIA
6) Meio de transporte escolar	Representa os pontos principais, onde ocorre o transporte de crianças e adolescentes que saem de casa em direção aos lugares de lazer ou a escola.
Barco	Simboliza a oportunidade dos que podem pagar (salvo as exceções) para irem aos lugares de lazer ou à escola pólo em determinada comunidade ou a sede do município para estudar no ensino fundamental maior ou no ensino médio.
Rabeta	Simboliza a oportunidade dos que podem pagar (salvo as exceções) para irem aos lugares de lazer ou à escola pólo em determinada comunidade ou à sede do município para estudar no ensino fundamental maior ou no ensino médio.
Canoa	Simboliza a oportunidade dos que podem ir aos lugares de lazer ou à escola mais próxima (ensino fundamental menor).
Casco	Simboliza a oportunidade dos que podem ir aos lugares de lazer ou à escola mais próxima (ensino fundamental menor).
Ônibus (escolar)	Simboliza a oportunidade de ir à sede do município para estudar no ensino fundamental maior ou no ensino médio.
Trajeto para a escola	Simboliza a dificuldade em chegar à escola, por envolver mais de um tipo de transporte (margens de rios, pontes, várzea, ramais, estradas...)



O sétimo e último tema (Quadro 8) trata das *Atividades de trabalho* que para as crianças e adolescentes simboliza o espaço do cotidiano, o local das famílias trabalharem para se sustentar. Os produtos gerados são voltados para o uso de subsistência na comunidade ou comercializados na sede do município. O local de trabalho também é o espaço do aprender, onde as crianças, ao imitarem os mais velhos, reproduzem brincando as atividades mais simples da cadeia produtiva de diversos produtos desenvolvidos pela família, como bem preconiza Oliveira (2008, p. 20), que na perspectiva piagetiana, *o jogo e a imitação são atividades espontâneas e que perduram por toda a vida do indivíduo*. Para os adolescentes essas tarefas passam ser realizadas com mais seriedade, sendo a eles reservado o horário da escola. Estudar e ajudar a família nas necessidades domésticas tem forçado a maturidade precoce dos jovens, que adquirem responsabilidades de ajudar a família nas obrigações do lar.

A atividade de trabalho remunerada nas comunidades começa mais cedo para os jovens que querem ajudar os pais a manter as necessidades da casa ou que buscam a autonomia financeira, ou ainda, que formam família na adolescência. As dificuldades de acesso à escola, a gravidez na adolescência e os apelos do consumismo são fatores que contribuem para a entrada dos jovens no mercado de trabalho. Alguns adolescentes adquirem problemas sérios de saúde por se submeterem a longa jornada de trabalho, como é o caso dos que saem para trabalhar em barcos de grandes empresas e que pescam em municípios distantes ou mesmo em outros estados.

Os desenhos produzidos no mapa retratam a realidade mais próxima dos jovens, ou seja, reproduzem o saber tradicional que permeia a vida das crianças e dos adolescentes, pois apesar de não aparecer com frequência nos croquis o local de trabalho das profissões de professores e médicos, é evidenciado nas



Quadro 8

TEMAS/PONTOS DE REFERÊNCIA	SIMBOLOGIA
7) Atividade de Trabalho	Locais que permitem o encontro de crianças e adolescentes para ajudar os pais nos ofícios da família e para reproduzirem os seus conhecimentos tradicionais
Olaria	Simboliza o local de encontro no cotidiano das crianças e adolescentes para acompanhar os pais ou ajudar na produção de cerâmicas (tijolos e telhas).
Estaleiro	Simboliza o local de encontro no cotidiano das crianças e adolescentes para acompanhar ou ajudar os pais. Neste processo envolve o corte da madeira, a modelagem e a fixação das peças para a produção de canoas, barcos, rabetas, batelões e cascos, além de aprenderem a reconhecer os tipos de madeiras apropriadas para a fabricação de embarcações.
Pesca	Simboliza o local de encontro no cotidiano das crianças e adolescentes, onde, ao mesmo tempo, reproduzem a arte da pesca dos adultos, reconhecendo as espécies de peixes típicos e as suas periodicidades na região.
Pesca de Camarão	Simboliza o local de encontro no cotidiano das crianças e adolescentes, onde, ao mesmo tempo, reproduzem a arte da pesca dos adultos.
Roça	Simboliza o local de encontro no cotidiano das crianças e adolescentes, onde, ao mesmo tempo, reproduzem a arte de cultivar a terra, além de aprenderem a reconhecer o período do ano apropriado para determinado plantio.
Extrativismo de Açaí	Simboliza o local de encontro no cotidiano das crianças e adolescentes, onde, ao mesmo tempo, reproduzem a arte do extrativismo do açaí (a confecção da peçonha, o debulhar, produção da rasa de guarumã, embalar o açaí com as folhas do guarumã).



Extrativismo de miriti	Simboliza o local de encontro no cotidiano das crianças e adolescentes, onde, ao mesmo tempo, reproduzem a arte do extrativismo do miriti (produção de brinquedos e réplicas de materiais e de pessoas do próprio cotidiano).
Casa da Farinha	Simboliza o local de encontro no cotidiano das crianças e adolescentes, onde, ao mesmo tempo, reproduzem o conhecimento tradicional de se fabricar a farinha e outros derivados da polpa da mandioca.
Serraria	Simboliza o local de trabalho dos adultos.
Carvoaria	Simboliza o local de encontro no cotidiano dos adolescentes, para acompanhar ou ajudar os pais, ao mesmo tempo, reproduzem a arte de fazer o carvão.
Produção do Matapi	Simboliza o local de encontro no cotidiano das crianças e adolescentes, onde acompanham ou ajudam os pais. Neste processo envolve aprender a fazer o corte do bambu e do guarumã, a retirada da tala e a confecção do matapi.
Artesanato	Simboliza o local de encontro no cotidiano das crianças e adolescentes, onde, na companhia dos adultos, reproduzem a arte da produção da cerâmica (vasos, panelas, potes...).

falas dos jovens o desejo de seguir estes ofícios, justificando a vontade de ajudar a melhorar as condições da comunidade. Contudo, as oportunidades, para alguns jovens que desejam alcançar uma profissão de formação acadêmica, são cerceadas pelas dificuldades e necessidades imediatistas que enfrentam no seu cotidiano.

Em geral, a cartografia produzida, em particular, pelas crianças e adolescentes de Abaetetuba, nos remete a afirmar, parafraseando Acselrad e Coli (2008, p.13), que o mapa é produto do esforço político, ao tentar representar recortes do mundo real, com o objetivo de *descrevê-lo, defini-lo e, simbolicamente, possuí-lo*. Pois os mapas das instituições ofi-



ciais de governo ao fornecer uma descrição da realidade física de um território, não a faz com a participação imediata dos que vivem nele, causando o estranhamento aos que moram no território mapeado. Enquanto que o mapeamento na cartografia social é fruto do protagonismo social das identidades coletivas que ao fornecerem a descrição possível da realidade física e social do território, fazem com que eles se reconheçam e se sintam apoderados politicamente do mapa produzido.

O reconhecimento do território, a partir da cartografia social, enalteceu, também nos jovens, o sentimento altruísta de querer planejar e melhorar as condições sociais e territoriais na comunidade em que vivem. Um dos instrumentos produzidos nas oficinas de cartografia para expressar a vontade deles de implantar mudanças sociais e estruturais, tanto para o presente quanto para o futuro, foi a criação da *Árvore dos Desejos*, uma estrutura de árvore simbólica com folhagens de papel,

foi montada para as crianças e adolescentes registrarem em cada folha os seus desejos, sonhos e esperanças de mudanças para as comunidades.

As crianças e adolescentes ao construírem a *Árvore dos Desejos*, em particular as crianças, expressaram um sentimento de afetividade muito forte pelo lugar, concordando com as máximas de Yi-Fu Tuan (1983) sobre as relações sociais e valores construídos com e no lugar. As relações de afetividade, já identificadas na simbologia dos desenhos, são resgatadas através dos registros escritos que expressam desejos de mudanças na e para as comunidades, pois o cerne das expressões individuais sugere um conjunto de reivindicações de cunho emocional (pessoal) e estrutural, como mostra, separadamente, no quadro 9, os principais desejos, sonhos e esperanças das crianças e adolescentes.



Quadro 9

CRIANÇAS	ADOLESCENTES
<p>Postos de saúde, ensino fundamental menor, menos violência, preparação do ramal para ir à escola, felicidade, ser jogador de futebol, ser bombeiro, ser professor, mais tempo para brincar, ser médica, que a natureza seja preservada, ser enfermeira, ser professora de dança, cantora famosa, desenhista, ter uma boneca, ter um rio mais limpo, escola perto de casa, paz mundial, ser feliz, boxeador, motorista, professor de História, ter um carro, ter uma bicicleta, educação para todos, igreja construída, brinquedoteca e informática na escola, uma praia, paz na comunidade, uma comunidade limpa e bonita, brincar de boneca e estudar, um colégio melhor, uma cachoeira.</p>	<p>Ensino fundamental maior, ensino médio, água tratada e encanada, preparação do ramal para ir à escola, limpeza do rio, escolas profissionalizantes, ambulância, quadra de esportes, escola de música, energia elétrica para todos, construção da igreja, construção do colégio, professores qualificados, médico na comunidade, computador e médico na comunidade, coleta de lixo, água potável, reforma do centro comunitário, construir a sede da associação da comunidade, ter uma fábrica para empregar os desempregados, respeito na comunidade, informática e biblioteca na escola, área de lazer, uma universidade, parque de diversões, que as pessoas tenham conhecimento, educação de qualidade, preservação da natureza, paz e amor, ser veterinário, professora de português, transporte escolar, trapiche na escola, segurança, amparo do governo federal, preservação do meio ambiente, cultura, mais medicamentos, políticas públicas para jovens.</p>



Considerações finais

Refletindo sobre a cartografia social produzida pelas crianças e adolescentes, percebe-se que os principais resultados obtidos com o automapeamento contemplam, pelo menos, duas linhas de entendimento: a que as crianças e adolescentes apresentaram competência intelectual para confeccionar um mapa situacional com seriedade técnica e perspicácia política em projetar melhorias para o próprio território, e a outra linha corresponde à capacidade dos jovens desenvolverem, em curto espaço de tempo, habilidades de ler, interpretar e recriar criticamente os mapas temáticos produzidos pelas instâncias governamentais, revelando, portanto, que a cartografia escolar, através da prática do automapeamento, contribuiu para o desenvolvimento da autonomia dos jovens em promover mudanças políticas a partir do seu espaço de vivência.

O processo de confecção do mapa situ-

acional, a partir da perspectiva das crianças e adolescentes, contribuiu também para que os jovens se apropriassem do território, reconhecendo-o como o lugar dos ribeirinhos/quilombolas. Os jovens de Abaetetuba perceberam a sua identidade coletiva sendo mapeada pela configuração político-sócio-cultural de suas comunidades tradicionais. O lugar, com suas especificidades culturais, foi retratado, valorizando as suas práticas tradicionais. Os elementos da paisagem foram reconhecidos como recursos naturais que precisam ser preservados, além de entenderem que os serviços públicos (educação, saúde e segurança), avaliados pelas crianças e adolescentes, precisam ser tratados como uma necessidade básica para a manutenção de suas práticas cotidianas.

O fascículo e o mapa situacional, produzidos pelas crianças e adolescentes, tornam-se então aliados das comunidades da região, principalmente, no processo de reivindicação de



direitos sociais, pois esses materiais ganham importância documental e política, à medida que são utilizados como “cartão de visita” nas instituições governamentais. Outra função importante do fascículo é viabilizar, na falta de material didático sobre a comunidade, o fortalecimento da memória viva local, além de aprofundar os conhecimentos na cartográfica escolar. Esse material, também pode recontar a História do lugar, permitindo a comunidade de jovens e adultos repensar o seu espaço de vivência, onde o estudante possa, também, compreender, a partir das informações cartográficas, que é o homem que organiza e ordena, através do seu trabalho, o espaço geográfico.

A cartografia social, seja no enfrentamento político ou como recurso escolar, parece estar contribuindo para uma mudança de foco no olhar tradicional dos usuários de mapas, cuja percepção equivocada, praticamente se limitava a, simplesmente, localizar pontos

ou fenômenos no espaço geográfico. Hoje o uso da cartografia social pelos movimentos sociais tem se firmado na capacidade de instrumentalizar a contra argumentação política, principalmente, na medida em que avançam os interesses de agentes externos sobre os seus territórios de uso tradicional. A subjetividade das situações problemas levantadas pelo protagonismo social faz os mapas situacionais possuírem um caráter documental que tecnicamente legitima as denúncias contra as intransigências impetradas por agentes públicos e privados sobre os seus recursos naturais.

Com os mapas situacionais ganhando visibilidade na luta por direitos territoriais, o que se conclui, é a ascensão e democratização dos conhecimentos cartográficos a serviço dos interesses dos movimentos sociais, como instrumentos de reivindicação de políticas públicas, de planejamento e de base para a autogestão territorial.



Referências Bibliográficas

111

ACSELRAD, H. & COLI, Luis R. Disputas Territoriais e Disputas Cartográficas. In: ACSELRAD, H. (org.). *Cartografias Sociais e Território*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008. 167p.

ALMEIDA, A. W. B.(Org.). *Estigmatização e Território: Mapeamento Situacional dos Indígenas em Manaus*. Manaus/AM: PNCSA/UFAM, Editora Universidade Feeral do Amazonas. 2008a. 232p

ALMEIDA, A. W. B.. *Terras tradicionalmente ocupadas: Terras de quilombo, terras de indígenas, Baçaçais Livres, Castanhais do povo, faxinais e fundos de pastos*. 2ªed, Manaus : PGSA- UFAM, 2008b. 192p

ALMEIDA, A. W. B. Identidade, Territórios e Movimentos Sociais na Pan –Amazônia. In: ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth. & ALMEIDA. Alfredo Wagner B. de, (org). *Populações Tradicionais: questões de terra na Pan-amazônia*. Belém. UNAMAZ, 2006.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. "Terras tradicionalmente ocupadas – processos de territorialização e movimentos sociais". *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. Vol. 6, nº 1. ANPUR, maio de 2004. p. 9-32.

ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). *Cartografia Escolar*. São Paulo. Ed. Contexto. 2007. 221p.



COSTA LIMA, M.V. da & VIANA. S.N. *Cartografia Social: Um olhar na geografia da percepção*. Encontro Nacional de Geógrafo (ENG). São Paulo. USP/AGB. 2008.

COSTA LIMA, M. V. da, LIMA, L. A., NOVAES, J. S. de, MESQUITA, B.A. de. Mapeamento Social da Diversidade Social na Pan-Amazônia In: 12º Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. *Anais do 12º Encuentro de Geógrafos de América Latina: caminando en una América Latina en Transformación.* , 2009.

COSTA LIMA, M. V. da, NOVAES, J. S. de, GAYOSO, Solange da C. CAMPOS, R. N. da S., Movimentos sociais na cidade de Belém e a cartografia social: territorialidades e luta pela afirmação de identidades coletivas. In: I Seminário Internacional - Amazônia e fronteiras do conhecimento, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA - Universidade Federal do Pará - UFPA. Belém-pa, 2008,

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004. 104p.

OLIVEIRA. Lívia de. Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa. In: ALMEIDA, Rosangela Doin de (Org.). *Cartografia Escolar*. São Paulo. Ed. Contexto. 2007. 221p.

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA. Série: Crianças e Adolescente em Comunidades Tradicionais da Amazônia. Fascículo 1: *Crianças e adolescente ribeirinhos e quilombolas de Abaetetuba*. Belém /PA. 2008.



PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA. Série: Crianças e Adolescente em Comunidades Tradicionais da Amazônia. Fascículo 2: *Jovens de comunidades tradicionais do baixo Tocantins: Camedá, Limoeiro do Ajuru, Igarapé Mirí, Mocajuba*. Belém/Pa. 2008.

SAQUET, M.A. & SPOSITO, E. S. (org). *Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos*. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009. 368p.

TUAN, YI-FU. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

